

CI  
Po  
Font  
Data



Eles querem voltar para suas terras, mas há oito meses que só recebem promessas

# Migrações forçadas causam sérios danos para índios Caiová

A negligência da Funai, que há oito meses está para levar os índios Caiová de volta ao seu lugar de origem, depois de uma malograda transferência, já ocasionou até essa semana a morte, por sarampo, de três crianças indígenas. Mais 10 outras estão internadas no hospital da cidade de Dourados, em Mato Grosso do Sul.

O antropólogo Rubens Thomaz de Almeida, indicado pela Funai para verificar a situação desses índios transferidos, confirmou, em São Paulo, depois de um contato telefônico com Dourados, a morte dessas crianças e se mostrou muito preocupado com a sorte das que estão internadas. De acordo com informações do líder do grupo indígena, Lídio, ao antropólogo, "as nossas crianças estão muito fracas e mal nutridas, por causa desses oito meses de andanças, sofrimentos e promessas mal cumpridas".

Contatados pelos brancos há mais de 80 anos, esses caiová viviam há 50 anos nas terras que hoje pertencem à Companhia Mate Laranjeira, que, aliás, durante anos utilizou a mão-de-obra indígena para a colheita da erva que produz o mate.

Com o avanço da pecuária e consequente ampliação das pastagens, além da desnecessária utilização da mão-de-obra numerosa (a pecuária exige poucos homens para o seu serviço), os próprios responsáveis pela Fazenda Rancho Jacaré — de propriedade da Companhia Mate Laranjeira, resolveram, em julho de 1977, transferir por conta própria todos os 90 índios para o Paraguai sem, pelo menos ao que se sabe, o conhecimento da Funai. Os fazendeiros simplesmente colocaram os índios em caminhões e os despejaram no Paraguai, a três quilômetros da cidade de Pedro Juan Caballero. As casas dos índios foram queimadas.

Autoridades paraguais entraram em contato com as autoridades brasileiras e depois de seis dias de permanência no Paraguai, em condições as mais precárias, os índios foram resgatados pela Funai e levados de volta à fazenda.

Em setembro do ano passado (acredita-se que por pressões dos fazendeiros) é a Funai que toma a iniciativa de retirar os índios da Fazenda, transferindo-os para Bodoquena, uma área de 400 mil hectares que pertence aos Caduveu. Os 90 índios Caiová com a chegada de alguns outros, haviam se transformado em um grupo de 114 indígenas.

De acordo com o antropólogo Thomaz de Almeida, a transferência se fez em cima de uma série de promessas ao índio, boa terra, pesca e caça abundantes. Mas na realidade, a Funai estaria pretendendo, com a ocupação da terra pelos índios, expulsar da região cerca de duas mil famílias, embora algumas poucas estivessem dispostas a abandonar a área.

Mas a transferência, realizada em caminhões de gado, foi denunciada por um grupo de antropólogos da Unicamp (Universidade de Campinas), que chegou, inclusive, a tirar fotos dos índios descendo dos caminhões.

Foi então que a Funai contratou o antropólogo Thomaz de Almeida para, oficialmente, realizar a "execução de pesquisa e levantamento antropológico sobre a situação do agrupamento de índios Caiová".

Consultados, 90 índios resolveram retornar à Fazenda, onde viviam há meio século e onde tinham enterrados os seus antepassados. Apenas 24 índios resolveram permanecer para onde haviam sido transferidos. Diante disso, segundo o antropólogo, o Conselho Indigenista da Funai se reuniu para deliberar "pelo retorno imediato dos Caiová para a Fazenda Rancho Jacaré". Além disso, o Conselho decidiu que seriam apuradas as responsabilidades dos responsáveis pela transferência.

Mas os índios não foram levados imediatamente, como havia sido determinado, além de não verem nas novas áreas inúmeras dificuldades que estavam enfrentando: alimentação insuficiente — recebem comida dos posseiros — não fizeram suas roças, além da total desmotivação diante das inúmeras promessas não cumpridas.

## PRIMEIRA TENTATIVA

Os índios esperaram dois meses e nada das promessas serem cumpridas. Em dezembro, resolveram então decidir o próprio destino e, a pé, tentaram voltar para a terra dos seus antepassados, a 800 quilômetros de onde estavam. Depois de alguma procura, a Funai foi localizar o grupo, na estrada, quando já havia caminhado algumas dezenas de quilômetros. Foram convencidos a retornar ao ponto de partida, com uma nova promessa: o líder do grupo, Lídio, iria se encontrar, em Brasília, com o presidente da Funai, general Ismarth de Oliveira, que ainda estava na direção do órgão.

O encontro realmente aconteceu, mas de concreto mesmo apenas a reiteração das antigas promessas: o retorno imediato à Fazenda. De volta ao seu grupo, Lídio comunicou a conversa que teve com o então presidente da Funai e puseram-se novamente a aguardar a transferência. O tempo passou e nada aconteceu.

## "SÓ PARA A FRENTE"

Em abril, cansados das promessas e da longa espera, os índios resolveram, novamente, colocar o pé na estrada. Desta vez a Funai demorou em buscá-los e eles foram bem mais longe do que da primeira vez. Mas a Funai os encontrou e tentou, como já havia feito, convencê-los a retornarem.

Segundo Thomaz de Almeida, o líder do grupo tomou a frente de sua comunidade e disse que "daqui só vamos pra frente; não voltamos mais pra trás". Não houve argumento que convencesse os índios a retornarem.

A Funai não teve escolha. Viu-se obrigada a levar os índios para o posto indígena de Dourados, a 80 quilômetros da terra dos caiová e a seis quilômetros da cidade de Dourados, novamente com a promessa de transferência para a fazenda Rancho Jacaré. Em Dourados, segundo se informa, estão mal instalados, "como sempre estiveram durante essa maratona que tiveram que percorrer", segundo o antropólogo.

Já descrentes, os índios deram a data de 25 de abril passado como ultimato à Delegacia Regional da Funai, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Mas antes do término do prazo deu o surto de sarampo, com a morte das três crianças e a ameaça sobre outras 10.

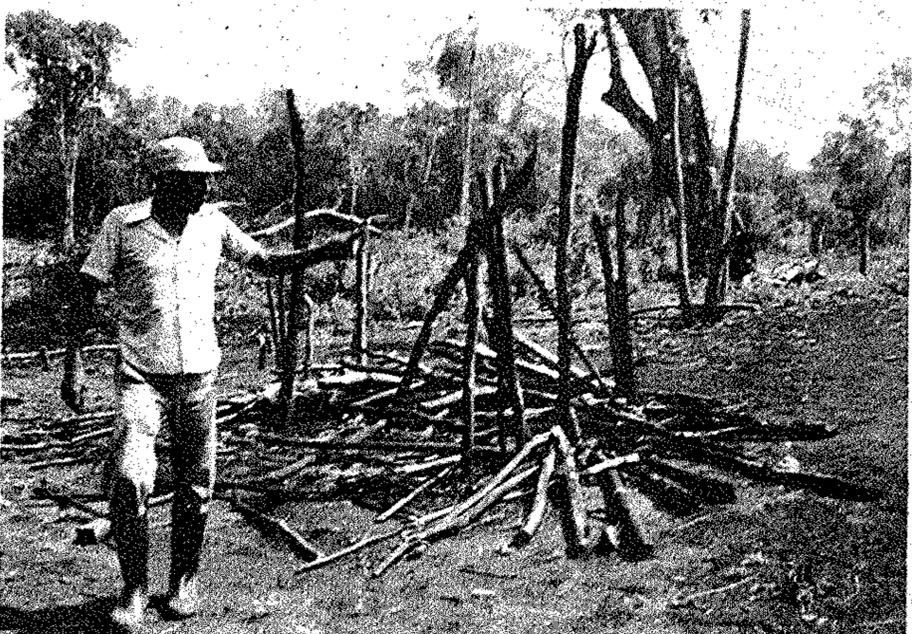
## A BUROCRACIA

O antropólogo Thomaz de Almeida acredita que "pelo clima que se vive no País e pelos reiterados pronunciamentos do Ministro do Interior a questão dos caiová poderá ser logo resolvida, além da solução para toda a questão indígena no Brasil".

Mas uma coisa parece irritá-lo, ou pelo menos, preocupá-lo: a vagarosa burocracia oficial. De acordo com ele, "a questão seria resolvida logo com o envio imediato para a Funai, em Campo Grande, do processo que cuida da transferência definitiva dos Caiová e que está parado em Brasília".

Esse processo, ainda segundo o antropólogo, "permitiria um acerto entre a Funai e os proprietários da Fazenda Rancho Jacaré, para a delimitação definitiva da área a ser habitada por esses índios". Thomaz de Almeida já teria tido informações de que a Funai estaria prestes a anunciar a formação de um grupo de trabalho para solucionar de uma vez por toda a questão.

Thomaz de Almeida só não soube responder se haveria grandes interesses em jogo forçando os índios a ficarem afastados para sempre de suas terras, como ocorre atualmente em Roraima, onde uma grande mineradora avança sobre a terra do índio, à procura da casseterita. O fato, denunciado pelo bispo local, teria sido constatado pelo próprio ministro do Interior, Mário Andreazza, ao visitar recentemente a região.



Índio Caiová aponta para sua casa, destruída depois de uma transferência forçada para o Paraguai